



Estagiar em Pedagogias e floresteiros com o rio Purus

 Monica Silva Aikawa¹,  Mônica de Oliveira Costa²,  Caroline Barroncas de Oliveira³

¹ Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Escola Normal Superior. Av. Djalma Batista, 2470, Chapada. Manaus, Amazonas, Brasil. ² Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia – PPGEAC. ³ Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia – PPGEAC.

Autor para correspondência/Author for correspondence: maikawa@uea.edu.br

RESUMO. Um estagiar movido em fluidez de rios, cartografado em imensidões de floresta e habitados por gentes do município da curva, produz outros pensamentos acerca da formação na Licenciatura em Pedagogia do Campo: Que campo e pedagogia se produzem nesse território? De que modos se manifestam na formação docente local? Que encontros se produzem nesse campo do vivido no Estágio em Espaços Não Formais? Com essas indagações, traçamos um caminho de água pelo rio Purus para o encontro com essa Pedagogia. A cartografia se manifesta enquanto traçado de pesquisa e se alinha com o Pensamento da Diferença para narrar modos de uma Pedagogia do Campo que se materializa na Amazônia em suas singularidades. E navegamos em inacabamentos com o questionamento: O que pode essa Pedagogia do Campo, das águas e das florestas na Amazônia beruriense? Os acontecimentos foram narrados através de cartas e materializam linhas de uma pedagogia em rupturas-vidas com a floresta e o rio Purus, no qual as curvas, os encontros e o estagiar acontecem com/em meio à vida.

Palavras-chave: estagiar, pedagogias em floresteiro, cartografia, cartas, filosofia da diferença, pedagogia do campo.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 10	e19745	UFNT	2025	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------



Este conteúdo utiliza a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International License
Open Access. This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

Internship in forestry Pedagogy with the Purus River

ABSTRACT. This internship was inspired by the movement of rivers, the large forests, and the people who live in the town of curve. It brings new ideas about the Pedagogy of the Field Bachelor's Degree program. It asks questions like: What kind of "field" and what kind of "pedagogy" are created in this place? How do they appear in local teacher education? What experiences happen during the Internship in Non-Formal Spaces? Having these questions in mind, we followed the path of the Purus River to learn more about this type of pedagogy. The research used a method called cartography, which helped us explore differences and tell stories about how Pedagogy of the Field takes shape in the Amazon region in its own special way. We are still learning and asking: What can this Pedagogy of the Field—connected to water and forests—do in the city of Beruri, in the Amazon? These events were shared through letters, showing how this pedagogy happens in real life, in connection with the forest and the Purus River, where learning and the internship take place in the middle of everyday life.

Keywords: internship, forestry pedagogies, mapping, letters, different ways of thinking, rural pedagogy.

Práctica de Pasantía en Pedagogías y floresteios con el río Purus

RESUMEN. Una práctica de pasantía impulsada por la fluidez de los ríos, cartografiada en la inmensidad de la selva y habitada por gentes del municipio de la curva, produce otros pensamientos acerca de la formación en la Licenciatura en Pedagogía del Campo: ¿Qué campo y qué pedagogía se producen en ese territorio? ¿De qué modos se manifiestan en la formación docente local? ¿Qué encuentros se generan en ese campo de lo vivido en la Pasantía en Espacios No Formales? Con estas indagaciones, trazamos un camino de agua por el río Purus para el encuentro con esta Pedagogía. La cartografía se manifiesta trazado de investigación y se alinea con el Pensamiento de la Diferencia para narrar modos de una Pedagogía del Campo que se materializa en la Amazonía con sus singularidades. Y navegamos en inacabamientos con el cuestionamiento: ¿Qué puede esta Pedagogía del Campo, de las aguas y de las selvas en la Amazonía de Beruri? Los acontecimientos fueron narrados a través de cartas y materializan líneas de una pedagogía en rupturas-vidas con la selva y el río Purus, en el cual las curvas, los encuentros y la pasantía ocurren con/en medio de la vida.

Palabras clave: pasantía, pedagogías en floresteios, cartografía, cartas, filosofía de la diferencia, pedagogía del campo.

Traçando um caminho de água

Imagem 1 – No rio Purus



Fonte: Aikawa, 2025

Inventar a própria vida e docência pelas águas do rio Purus.

Em canoas, lanchas, barcos, ou simplesmente à beira do rio.

Miudezas do cotidiano de uma Pedagogia do Campo que se constitui pelos desvios das águas. Pela estranheza das fixações. Olhar para aquilo que não nos é habitual pode ser como navegar em um rio agitado, o que pode, inicialmente, despertar medos e incertezas; mas também, coragens. A Pedagogia do Campo nomeia o curso de Licenciatura da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) que, em encontros com as gentes e a floresta, segue suas águas em fluxo com a formação de professores/as para atuação na Educação do Campo, das Águas e das Florestas. Trata-se de uma Pedagogia que assume o movimento de uma educação enraizada no território, nos modos de vida e nas lutas de trabalhadores/as da floresta e das águas, em capilaridades que, como afirma Caldart (2009, p. 42), “retomam a discussão e a prática de dimensões ou matrizes de formação humana que historicamente constituíram as bases da pedagogia”.

O curso entende que a formação inicial de professores para atender a Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental que se encontram em tais contextos no Estado do Amazonas assume como referência a realidade do campo, que nesse contexto local demanda uma especificidade de reflexões norteadas pelo fundamento da Educação do Campo

que se amplia para uma educação do campo, das águas e da floresta.

Essa formação inicial de pedagogos e pedagogas do campo na Amazônia resulta de um processo coletivo, construído entre a universidade e os movimentos sociais organizados, fruto de articulações institucionais e de reivindicações comunitárias que expressam o desejo de uma educação comprometida com as realidades e os saberes do território. O curso se constitui, assim, como uma proposta político-pedagógica orientada pelos princípios da Educação do Campo, estruturando-se a partir de temas geradores que emergem do cotidiano das comunidades ribeirinhas e dos povos da floresta, com o propósito de fomentar a reflexão crítica e a problematização das contradições sociais, contribuindo para a construção de um projeto de sociedade democrática que valorize as culturas, os saberes e as existências locais (Costa, 2021).

Quem é o povo do campo nesse contexto? Como vivem? De que modos arquitetam uma pedagogia?

Na Amazônia, essa Pedagogia assume contornos próprios, constituindo-se como ciência crítica da educação, enraizada nas práticas e nos saberes dos sujeitos amazônidas, que produzem suas existências entre rios, florestas e comunidades ribeirinhas (Campos; Paiva, 2025). Nesse sentido, ela ultrapassa a ideia de uma pedagogia restrita à escola, articulando processos formativos que se desenham em múltiplos espaços formais e não formais como territórios de resistência, de produção de conhecimento e de afirmação cultural (Moura e Costa, 2024).

Inspirada na educação popular freireana, na Pedagogia do Movimento e na Pedagogia da Terra, a Pedagogia do Campo amazônica se faz prática de emancipação e cuidado, propondo um currículo em devir, tecido nos encontros com as gentes e as geografias do campo, das águas e das florestas. É nesse entrelaçamento que o curso de Licenciatura em Pedagogia do Campo, vivido às margens do rio Purus, constrói modos próprios de formar professores/as que compreendem à docência como gesto político e poético de habitar o território.

O convite é para estar aberto aos assombros sobre ideias fixadas de uma Pedagogia do Campo comum, normal, verdadeira, que se diz capaz de abarcar todos os campos e gentes que habitam territórios supostamente rurais. Ancoragens que vem sendo mantidas historicamente:

... um olhar de totalidade ... que sua natureza e seu destino estão profundamente ligados ao destino do trabalho no campo e, conseqüentemente, ao destino das lutas sociais dos trabalhadores e da solução dos embates de projetos que constituem a dinâmica atual do

campo brasileiro, da sociedade brasileira, do mundo sob a égide do capitalismo em que vivemos. E ainda que ‘muitos não queiram’, esta realidade exige posição (teórica sim, mas sobretudo prática, política) de todos os que hoje afirmam trabalhar em nome da Educação do campo (Caldart, 2009, p. 36).

A posição assumida é teórica, prática, viva e navegante. Assumir o risco de navegar por um rio pela/na diferença. Um rio que faz curvas, que tem paradas inesperadas em seu percurso, que abriga inúmeras plantas em sua superfície. Um Purus que nos convida a sair da rota comum que estava traçada e tensionar a fabricação de uma Pedagogia do Campo com a vida e suas singularidades.

Uma vida que escapa. Uma vida inundada pelas linhas da arte e pelas criações de uma Pedagogia de Campo em múltiplas versões da Amazônia, nos territórios do município de Beruri.

O que pode uma Pedagogia do Campo inundada pelo rio Purus? Descolada de uma ideia de totalidade, provisória, não fixa, possibilita considerar os diferentes tempos das águas e da floresta, os afetos, as potências inventivas.

O Estágio Supervisionado I – Espaços não formais de um curso de Pedagogia do Campo, foi o disparador de experimentações e encontros produtores de perturbações nas águas e nas naturalizações. Segundo Silva (2017, p. 78): “... Imagens pré-estabelecidas anteriores às relações, forças vão se chocando e promovendo encontros de forças...”. que vão promovendo O~N~D~U~L~A~Ç~Õ~E~S em águas paradas e marcadas pela imobilização.

Modos menores inventivos que vão compondo geografias outras. A natureza em multiplicidades de sons, cores, traços, linhas. Às margens daquilo que se diz como certo e esperado do que vem de uma suposta Pedagogia do Campo generalista.

Compreender o lugar da escola na Educação do Campo é compreender o tipo de ser humano que ela precisa ajudar a formar e como pode contribuir com a formação dos novos sujeitos sociais que vêm se constituindo no campo hoje. A escola precisa cumprir a sua vocação universal de ajudar no processo de humanização das pessoas e com as tarefas específicas que pode assumir nesta perspectiva. Ao mesmo tempo é chamada a estar atenta à particularidade dos processos sociais do seu tempo histórico e ajudar na formação das novas gerações de trabalhadores e de militantes sociais (Molina & Jesus, 2004, p. 23).

Empreender-se na escola do campo, na Pedagogia do Campo é assumir sua posição política no ato formativo de gente e inaugura-se cotidianamente. Encharcar-se de uma Pedagogia do Campo inaugurada e dita pelas miudezas, o que “... está sendo proposto então, é trilharmos por caminhos sinuosos, incertos, cheios de incertezas, de multiplicidades e no qual trocamos a zona controlada pela zona das trincheiras” (Gallo, 2020, p. 195).

Assim, outras formas de navegar são convocadas.

Trilhar um rio improvável para que se multiplique pensar uma Pedagogia do Campo em floresteiros com o Rio Purus, ou seja, “...assim se constitui uma conjunção de fluxos desterritorializados, que extravasa a imitação sempre territorial” ...” (Silva, Silva & Brito, 2018, p. 252). Navegar numa Pedagogia do Campo de “movimento real de combate ao ‘atual estados das coisas’” (Caldart, 2009, p. 40).

Novas possibilidades para dizer sobre as potências de uma pedagogia e um campo como acontecimentos de rios de fugas do nosso modo único de olhar, que limita a própria vida, afoga os corpos, apaga suas singularidades, acimenta os rios, esfria os afetos, massifica nossa capacidade criadora.

Desaprender a ideia de totalidade.

Romper com a fixidez.

Balançar as linhas limites que demarcam as beiradas dos rios que nos paralisam e nos impedem de experimentar outros modos de vida, pois, “... é possível habitar a Terra, a vida a partir de diferentes perspectivas” (Brito, 2018, p. 34). Dessa maneira, multiplicar modos de navegar pelas águas da Pedagogia do Campo, inventar-se numa vida em coragem e potência.

Tais turbulências podem possibilitar repensarmos as singularidades de uma Pedagogia do Campo nos caminhos da água, rachando com os ideários fixadores, sem que isso apague o ânimo, a sensibilidade e os afetos das gentes e não gentes em educações.

Uma Pedagogia do Campo que considera sua geografia diferente, e “... nos convoca a aprender com a experiência, com as diversas vozes que habitam o mundo e constroem estratégias de sobrevivência - mobilizam as substâncias, provocam transformações e habitam, nas margens, o mundo ...” (Fary; Rigue; Oliveira, 2023, p. 18). De mesmo modo, mobiliza uma formação docente de professores/as do campo, das águas e da floresta frente a suas especificidades, considerando a realidade e a materialização dessa política pública (Caldart, 2009) desse território amazonense.

Existências em transbordamentos.

Outras modulações docentes.

Pedagogia como um rio, águas abertas que extrapolam as margens-limites.

Campo como território que não se aquieta, pois habita e é habitado em corpos-confluência.

Vida navegante. Movimentos variados, desconexos que esticam a coragem, abrem esperança e navegam destroçando os trilhos, agora “... encontram ressonâncias, se

reatualizam, se ressignificam, produzindo-me uma nova diferença ..." (Muniz; Bastos; Amado, 2020, p. 906).

Nessa diferença, navegamos nesse curso de licenciatura em Pedagogia do Campo com o componente curricular Estágio Supervisionado I - Espaços Não Formais. Seguimos em andanças, encontros, pensares e sentires, ressignificações de professores/as, de Pedagogias e desse campo que nos atravessa no ato de professorar.

Com o rio, remamos em inaugurar docências encharcadas em fluidez, instabilidade, impermanência.

O estagiar na Pedagogia da floresta e do rio Purus

Encontros. Acontecimentos. Afetamentos. Encostamentos. Paragem do encontro.

Rio-floresta, floresta-rio, margem-gente, rio-gente, rio-curva, floresta-rio.

Gente-gente. Barco-rio. Casa-rio. Águas. Terras. Verdes. Gentes.

~B~A~N~Z~E~I~R~O~S~

Comecemos... A Pedagogia do Campo. Que campo? Que Pedagogia?

Uma Pedagogia do Campo, uma que é na Amazônia, em Beruri/AM.

Um estagiar em Pedagogias e floresteios com o rio Purus.

Imagem 2 – Paragem do encontro.



Fonte: Aikawa, 2025.

Com perfume de sol nas águas do rio da curva, margeia-se um estagiar disparado pelo

componente curricular Estágio Supervisionado I – Espaços não formais de um curso de Pedagogia do Campo com a ementa: O estágio e a formação docente no conhecimento da realidade sócio, econômica e cultural em que se inserem as escolas do campo. Espaços não formais e sua fundamentação na perspectiva do/no campo. A observação como meio para a análise dos espaços de formação não escolares. Que em suas paragens compôs-se em duas unidades: I - Estágio e formação docente na Pedagogia do Campo; e II - Espaços não escolares e as potências do/a Pedagogo/a do Campo, das Águas e da Floresta.

Em trajetos do rio, oito horas de viagem em embarcação. Águas em todas as direções, fios de terra às margens, florestas nos rodeando. Trajeto com sol, chuva e barco à deriva por problema na hélice. Singularidades da Amazônia dessa Educação do Campo.

A vivência desse estagiar em Espaços Não Formais se alinha à ideia de uma “Educação do campo que tem se centrado na escola e luta para que a concepção de educação que oriente suas práticas se descentre da escola” (Caldart, 2009, p. 38), numa realidade local em meio a suas tensões e nomadismos.

Uma carta para começar:

Cartas às/aos Pedagogas/os do Campo, das Águas e da Floresta de Beruri

Beruri, 05 de março de 2025.

*Choveu de noite até encostar em mim.
O rio deve estar mais gordo.
Escutei um perfume de sol nas águas.
(Manoel de Barros)*

Entre as águas dos rios e da chuva começamos o movimento do estagiar em Pedagogia do Campo. Sentimos um cheiro de tempo potente de vivências e experimentações pedagógicas com o campo, as águas e as florestas em Beruri... Estudos, metodologias, fundamentos e práticas se compõem com o dia, a noite, terra, água, fauna e flora em produções de si em que “a formação é uma construção progressiva que se manifesta e se inscreve numa história de vida, em uma trajetória pessoal e profissional” (Silva, 2014, p.47). História essa que nos mobiliza em amazônias que educam e nos constituem... Desejamos um lindo estagiar, enviamos os textos disparadores e aguardamos vocês amanhã (06/03/25), 13h, na Esc. Est. Getúlio Vargas.

Abraços das Professoras de Estágio

Na fluidez desse movimento do estagiar em Pedagogia do Campo que vem habitado pelo município de Beruri/AM, suas águas, sol, florestas e gentes, encontros com outras gentes amazônidas são potência numa formação docente de pedagogos e pedagogias do campo. E pensar num estagiar em Espaços Não Formais, nos desafia ao território, enquanto habitação do si, das singularidades e multiplicidades de constituir-se professor/a do campo, das águas e da floresta beruriense.

Um estágio inicial em Espaços Não Formais organizado no 2º semestre de um curso de licenciatura nos afeta e incide em pistas de uma formação docente descentrada da escola e que se atravessa pela vida no território. Rios, chuvas, sol intenso. Ruas de concreto, chão batido, pedras e mato. Na frente e ao lado, rio, atrás e do outro lado, a mata, o mato, a floresta, pelo meio, lago. Seguiu-se pelos caminhos das margens dessa pedagogia.

Essas margens se abarrancaram com espaços fora da escola, da Universidade e encontraram-se com a Associação Pestalozzi, o Centro do Idoso “Laide Matozinho”, a Colônia dos Pescadores Z-10, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e a Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS). Estar nesses espaços nos mobiliza a pensar-sentir-viver uma outra Pedagogia, que é do campo, é da escola e de mesmo modo é do lado de fora, acontece com a vida, com as existências e suas potências do viver, nesse viver amazônico beruriense.

Vivemos um estagiar de uma Pedagogia do Campo Pestalozziana de um Beruri atento às multiplicidades, ditas pela ciência como neurodivergências; um estagiar em Pedagogia do Campo Longeva, apoiado em suas ancestralidades beruriense, viva e em narrativas próprias de idosos/as; um estagiar de uma Pedagogia do Campo Marginal, preocupada e atuante com as diversidades das gentes da sua floresta e comunidades ribeirinhas; um estagiar de uma Pedagogia do Campo Pescadora movimentada pelos banzeiros do cotidiano alimentado pelo rio, lagos, igarapés.

Atravessar-nos por esses Espaços Não Formais que tratam de questões e gentes diversas, aciona o direito dos povos às sementes e à água, aos alimentos e à terra, ao peixe, ao igarapé, à mata, bem como, ao seu direito de ser povo das comunidades ribeirinhas, gente da floresta e das águas:

A inserção neste embate implica colocar na agenda política e pedagógica das lutas e das práticas de Educação do campo questões como crise alimentar, crise energética e crise financeira, soberania alimentar, reforma agrária (incluindo nela o debate da propriedade social), agroecologia de perspectiva popular, biodiversidade, direito às sementes e à água como patrimônio dos povos, cooperação agrícola, descriminalização dos movimentos sociais, direitos sociais dos camponeses e das camponesas, crianças, jovens, adultos, idosos (Caldart, 2009, p. 59).

Andanças de um estágio no rio da curva, de uma floresta, de existências amazônidas em prol de uma formação docente local, em suas territorialidades e fluidez de um campo que não é plantado, cultivado, arado, pastado no Capitalismo Mundial Integrado. É um campo constituído, não está pronto, é movimento, pode ser seco no verão, alagado no tempo da

enchente, em florestas de terra firme, várzea ou no igapó. Campo fluidez de rio da curva!

E sua Pedagogia se constituiu de que modos? O que pode essa Pedagogia do Campo nesse estagiar? Ela pode! Permite-se! Permitiu-se em meio a seu território! E fluuiu-se em (des)construções próprias, pluri e multi, singulares... Um estagiar do campo em banzeiros com o rio da curva e seu cheiro de sol. Em uma constituição de si e do estagiar na Pedagogia do Campo em Beruri, um estagiar em Pedagogias e floresteios com o rio Purus.

As cartas foram remanso e ribanceira nessa trajetória, contaram e contam dessa experimentação de si de professores/as, pedagogos/as em formação em Pedagogia do Campo nos espaços diversos de Beruri e registram uma produção do si e suas potências no que nomeamos de Memorial-cartas. Os escritos de si assumem uma posição política por estes/as educadores/as do campo no território dessas águas que se compõe tanto como um lugar da Pedagogia do Campo na Universidade, na escola, em outros espaços, quanto como uma posição cartográfica das pessoas que se formam pedagogos/as locais em suas constituições na formação de si e de outros, em humanizações, em humanidades, em existências.

Uma carta se chama “Contar-se”, experiências, vivências, infâncias e esse território enquanto tempo-espaço de uma constituição de si mobilizada por ancestralidades negras, indígenas, ribeirinhas e florestais habitam ao longo da vida. Nessa carta, as histórias contadas disseram de mulheres participantes da União Jovens Socialista (UJS) e União Brasileira das Mulheres (UBM), mulheres agricultoras que sofreram violência doméstica, agricultores/as de comunidade ribeirinhas, egressos da Educação de Jovens e Adultos, participantes do Mova-Brasil de Instituto Paulo Freire, pescadores de comunidades que foram submersas, pescadores/as que enfrentam a cheia e a vazante do rio, indígenas, amantes de seu território e de tantas outras história que dizem dessa conexão orgânica com a vida na terra.

Outra carta chamou-se “Espaço”, aqui povoado pela ideia de liquidez, mobilidade, impermanência de estagiar em um Espaço Não Formal que é lugar, território e é gente, é rio, é floresta. Uma outra carta, denominada “Potências do Estagiar”, em suas velocidades e lentidões de rio, narra as experimentações desses pedagogos/as do campo em floresteios com o rio Purus. Nessas duas últimas cartas, sentimos as potências dos espaços para a formação desses/as professores/as da Pedagogia do Campo de Beruri/AM, seus deslocamentos para fora da sala de aula, o encontro com as pessoas dos espaços, o papel social de cada instituição fortalece uma conexão orgânica de professores/as em formação com o território e as pessoas que o habitam. Escritas suscitam a solidariedade entre as comunidades; proteção social às pessoas com deficiência, idosos e suas famílias; conscientização ambiental e respeito à

diversidade; preocupação com agricultura familiar e comunitária, construção de redes de apoio nas comunidades ribeirinhas, agricultores, pescadores.

O Memorial em cartas se compôs nos encontros de cada estagiário/a com seus professorar nesse componente curricular e, principalmente, com o território amazônida e do si, esse si que é cartografia e cartografado, de vidas que pulsam em devires. As escritas epistolares se provocam em autobiografias em invenção de si, onde a narrativa não linear de sua trajetória de vida, entrelaça-se com a arte e com o si numa estética da existência, em empreitada pela invenção de si (Oliveira, Costa & Aikawa, 2023), que nessas cartas, emergem a invenção do si desse/a Pedagogo/a do Campo, das águas e da floresta.

E, ainda que individualmente, exprimem um coletivo que se produz e é produzido no campo e com o campo de Beruri. Esses Memoriais-cartas registram-se como ato de protagonismo desse povo do campo amazônida enquanto produtores de conhecimentos (Caldart, 2009), em linhas de constituições de epistemologias próprias e enquanto “crítica projetiva de transformações” (Caldart, 2009, p. 40).

Nos rastros das escritas de si, as/os estagiárias/os do curso de Pedagogia do Campo traçam mapas de existência entre rio, floresta e escola. Em suas cartas, o estagiar se apresenta como travessia, lugar de encontro entre o vivido e o pensado. As cartas-memoriais traçam uma cartografia de existências que se fazem e refazem com as águas do Purus. Em cada narrativa, o estágio é vivido como travessia, movimento de corpo, tempo e território, onde o aprender e o ensinar se confundem com o fluxo do rio e o rumor das matas.

As vozes narram que “*sou das águas, das matas, da caça e da agricultura... do manejo e da pesca...*”, reafirmando um pertencimento ético e estético ao território amazônico, onde a docência se inscreve na vida que brota da terra e nas lutas que nela habitam. O estagiar é descrito como “*um mergulho na ferocidade das águas barrentas do Solimões ao encontro da calma do Purus, encontro de águas, saberes, almas e recomeços*”, imagem que se repete nas cartas como metáfora da formação docente e de sua força inventiva.

Em outras escritas, a floresta é mestra e companheira: o aprender se dá no compasso do tempo da natureza, no silêncio das várzeas e nas vozes das comunidades. O estágio aparece como gesto de encontro com as crianças, com os mais velhos, com os espaços de cuidado e de vida. É dito que “*a floresta ensina o que o livro não contém*”, deslocando o olhar da técnica para a escuta e para o corpo em relação.

Há também quem compare o memorial a um “*mapa que ajuda a encontrar o caminho*”, onde cada experiência se transforma em semente que germina na formação

pedagógica. As cartas se tornam exercício de autoformação e de sensibilidade, *pois “estagiar é aprender na conversa, no remo, no fazer da farinha e no esperar da cheia”*.

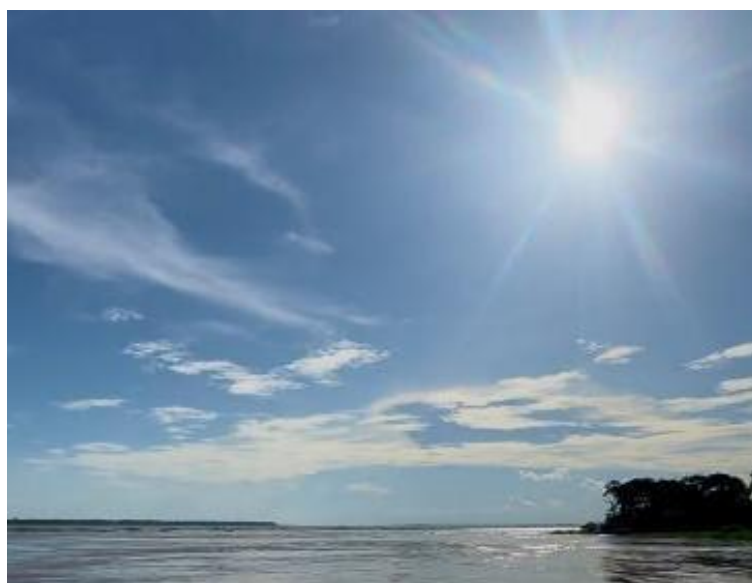
As palavras se movem entre o cotidiano e o sonho, construindo uma estética do viver amazônico em que a docência se confunde com o gesto de cuidar, de partilhar e de resistir. O rio aparece como professor, as margens como caderno, e o tempo como matéria de escrita. As cartas narram o estagiar como invenção do si, como produção de humanidade em meio à floresta, às águas e às gentes.

Assim, a cartografia das cartas-memoriais margeia um aprender que se tece em comunhão com o território, um aprender que é também modo de existir. São fragmentos de vida que, reunidos, formam o desenho de uma Pedagogia do Campo, das Águas e da Floresta, em que o Purus é composição, rio e caminho, espelho e correnteza do ser-professor/a em formação.

Todas essas linhas estão emaranhadas de um viés político no qual os professores em formação inicial são convocados a estabelecer compromisso no/com o contexto amazônico, abandonando qualquer ideia de um ensino generalista que caiba em qualquer realidade.

As cartas do estagiar de uma Pedagogia vivida em Espaços Não Formais em Beruri/AM, compreende uma Pedagogia do Campo, das Águas e da Floresta em suas totalidades fragmentárias (Deleuze; Guattari, 2010) com as vidas, os espaços, o Purus, a mata que se dá no encontro, na curva-sol.

Imagem 3 – Purus em curva-sol



Fonte: Aikawa, 2025

Seus modos aqui foram narrados nesse plano de imanência da curva de um rio em reversibilidade com fios de sol da manhã. Modos de uma Pedagogia na qual águas se constituem em trajetórias de um rio de margens roídas e velocidade pelo meio (Deleuze; Guattari, 2011), florestas se compõem como entidades e organismos inteligentes (Krenak, 2020) que se materializa neste território na Amazônia beruriense em suas singularidades.

Dias de chuvas em meio a presença do sol de Beruri/AM, de março de 2025.

Queridos/as professores em formação, mais uma fase vivida e perguntamos...

Que traçados de Estágio, Espaços Não-formais e Escritas de Cartas compuseram o pensar-sentir nessa fase da formação em Pedagogia do Campo? De que forma (des)olhamos o corpo pedagogo do campo e traçamos outras rotas em águas e floresta? De que modos escrevemos outras existências enquanto gente que se forja em terras berurianas, águas do Purus e uma mata que encanta nas viagens de canoa?

Alguns/mas estagiários/as se mobilizaram pelas afeções, pelos encontros alegres, pelas artes e risos... outros nem tanto. O movimento do estagiar foi atravessado pelo relógio dos tempos ditos modernos em que o relógio, a produtividade, a competição são regentes e buscamos outros traçados, outras rotas, umas que se demorem no tempo de cartas, que se constituem numa presencialidade e em multiplicidades com o corpo pedagogo de um campo filho de Beruri. Mesmo quem veio de outros rios e localidades, chegam nestas terras e águas e tomam este lugar para si, constituindo-se em travessias e vidas.

As cartas contaram de cada um/uma, mandaram notícias de acontecimentos que nos compõe, apontaram as matérias das gentes das quais foram tecidos, aguados, florestados. Mas principalmente permitiram pensar outros furos, inaugurar outros olhos d'água barrentas, negras, multicoloridas. O convite à criação foi lançado, um professorar outro foi incitado, a (re)criação de si com o campo, às águas e a floresta foi margeada. Aos que aceitaram o convite percebemos produção de linhas outras nessa produção inventiva de docências em espaços não-formais onde se fez presente a terra de sonhos, corpos inventados que nascem dos rios e da floresta, poesias, músicas, montagens de outras imagens, miudezas da vida.

Encontros, poesias, produção artística, discussões, orientações, planejamentos, palavras-nós foram pretexto de uma experimentação de si, um si mobilizado por escutas, observações, sentires, escrituras e (re)pensares das fixações em Educação.

E outras perguntas emergem como provocações: O que vocês inventaram nesse estagiar? De que modos escrituraram as afeções dessas docências? De que sua docência se habita? Como se mobilizaram com as os espaços não-formais? E em meio a essas indagações, encerramos ainda que momentaneamente, anunciando que nessa caminhada do estagiar inventada, nós professoras temos que o encontro com os campos de Beruri se ocupam com os territórios de encantamento e, quando se trata de Espaços não-formais, se mobiliza por uma criação do pedagogizar com o corpo potência.

*As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:
elas desejam ser olhadas de azul
- que nem uma criança que você olha de ave
(Manoel de Barros)*

Professoras de Estágio Supervisionado I – Espaços Não Formais

Pedagogia em rupturas-vidas com a floresta e o rio Purus: fluxos, banzeiros e composições com a diferença

Educar na Amazônia é escutar o tempo das águas. É saber que o rio não corre em linha

reta. Que a floresta não fala em uma só língua. Que o saber é coisa viva, molhada, feita de folhas, corpos e memórias. A pedagogia aqui é feita de rupturas e de vidas. Rupturas com os discursos que totalizam e capturam. Vidas que resistem em atravessamentos, em brechas, em silêncios povoados de sentidos.

A docência numa Amazônia amazonense se faz entre banzeiros e vazantes, entre o barro da várzea e o quente-úmido das matas. É uma docência que se desfaz da ideia de controle e planejamento absoluto. Com extensões continentais e peculiaridades em cada região, o ser professor(a) por aqui é um constante processo de (re)existência. Uma existência que se compõe nos deslocamentos, nas margens, nas conexões remotas, nas embarcações escolares, nas tecnologias improvisadas, nas vozes ribeirinhas, indígenas, quilombolas e nos corpos em movimento. Como diria Deleuze, “o que define um corpo são os afetos de que ele é capaz” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 188). Um corpo-professor que se afeta pelos sons do rio, pela textura da lama, pelo silêncio das canoas e pelo barulho das rabetas (motor pequeno). Falar de uma Amazônia beruriense, situada na curva do Rio Purus, água barrenta e muito conhecido por suas sinuosas curvas e estreitamentos quando comparado a outros rios como o Rio Amazonas e o Rio Negro. Confluências de fluxos, banzeiros e diferenças, assim, a Pedagogia do Campo, das águas e da Floresta de Beruri/AM se faz, se cria e vive.

Imagem 4 – Rupturas-vidas



Fonte: Aikawa, 2025

Não se trata apenas de ensinar conteúdos escolares e diante disso os espaços não-formais se entrelaçam em composições entre vidas, vida de pescadores, vida de agricultores e

vidas de gentes atravessadas por um Rio e por uma Mata que os circulam. Trata-se de compor presenças e de se deixar afetar pelo mundo. Isto é, de fazer do ato pedagógico uma experiência de si. Como propõe Freitas (2010, p. 177), “A reflexão dos processos de subjetivação, mediados pelas técnicas de si, permite uma investigação original dos processos de formação humana como experiência, simultaneamente, crítico-reflexiva e ético-expressiva”. Ensinar é, pois, um modo de viver, de (re) existir.

A filosofia da diferença nos ajuda a pensar essa pedagogia em seus ensinamentos e aprendizagens. Em Deleuze e Guattari, não há uma verdade a ser revelada, mas forças a serem colocadas em movimento. “Fazer rizoma” (2011, p. 20) é uma imagem potente para falar dessa pedagogia que se espalha, que se conecta, que rompe com hierarquias e funda-se em multiplicidades. Essa pedagogia não nasce de um lugar exato; ela se rizomatiza. É “... fazer rizoma, aumentar as terras por desterritorialização” (2011, p. 20). Uma pedagogia que se desfaz das certezas e compõe-se com a singularidade de cada encontro. A floresta e o rio não são apenas pano de fundo da formação ou das fotografias, mas territórios-agentes que ensinam.

O educador(a) do campo amazônida não parte de um ponto fixo, mas de pontos singulares, de encontros e de afetos. Quando afirmamos tais questões, falamos de afetos, no qual Spinoza (2009, p. 98) compreende por afeto, “... as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Somos corpos que afetamos, mas também somos afetados.

Essa relação se dá no encontro de corpos onde são geradas as afecções, as modificações. Os afetos são potências em processo de variação; ser afetado é passar de uma perfeição menor para maior (alegria) ou de uma perfeição maior para menor (tristeza). Essa mudança expressa a variação da potência de agir do corpo. Quando somos afetados por causas adequadas, agimos. Do contrário, quando somos afetados por causas inadequadas, padecemos. Assim, “... quanto mais ideias inadequadas a mente tem, tanto maior é o número de paixões a que é submetida; e, contrariamente, quanto mais ideias adequadas tem, tanto mais ela age” (Spinoza, 2009, p. 100).

Nesse entendimento, ao olhar para uma Pedagogia do Campo Amazônida é dizer sobre uma multiplicidade de constituições de docências, de gentes, de mulheres e homens em uma sociedade, estamos problematizando algo menor e rizomático que compõem esse corpo. Isto é, os afetamentos, pois “... o que é ação na alma é também necessariamente ação no corpo, o que é paixão no corpo é por sua vez necessariamente paixão na alma” (Deleuze, 2002, p. 24).

Esta perspectiva ensina que aprender é um fenômeno de corpo todo, da vontade perene de superar-se no tempo e no espaço. Aprender é da ordem do infinito, do desejo insaciável pelos contornos da/na vida. Ou seja, aprender nesse movimento menor dos aspectos formativos dos afetos deve aproximar-se da vida, potencializar os encontros positivos e a dinâmica das relações humanas e não-humanas.

Destarte, o corpo-docente constituído pela Pedagogia em rupturas-vidas com a floresta e o rio Purus não é só transmissor de saberes, mas corpo que sente, que escuta, que se perturba com o mundo. Pois, essa pedagogia das rupturas-vidas é também uma prática de si. Uma forma de se colocar no mundo com responsabilidade e com desejo. Um desejo de multiplicidade, de liberdade. “Liberdade não se caracteriza no extremo oposto da batalha, mas no cabimento da multiplicidade” (Gomes, 2012, p. 39). O saber não é propriedade, mas movimento.

Formar professores(as) nesse contexto é construir juntos os caminhos da formação e, assim, fizemos ao lançarmo-nos nos locais de estágio em espaços não-formais, em cada lugar uma habitação beruriense em conexões com o rio e a floresta. Um processo que se retroalimenta, que se constrói com o outro, em um aprender que é também encontro. Aprender a estarmos professores(as) amazônidas “... significa compor os pontos singulares de seu próprio corpo ou da sua própria língua com os de uma outra figura, de um outro elemento que nos desmembra, que nos leva a penetrar num mundo de problemas até então desconhecidos, inauditos” (Deleuze, 1998, p. 317).

A Pedagogia do Campo, das Águas e da Floresta é atravessada por essas tensões. De um lado, há os discursos que buscam fixar seus sujeitos como vulneráveis, como determinados pela falta. Do outro, há a potência da criação, da arte, da terra, da memória, da floresta. É nesse atravessamento que se constitui uma Pedagogia do Campo Amazônida que não se fecha em prescrições, mas que se abre para a vida, considerando que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro, e deve sê-lo” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 15).

As aberturas para outras conexões, em constituições rizomáticas, são estabelecidas pelas tensões geradas, criando um movimento pedagógico que se dá pelas rupturas, então é preciso desconfiar das certezas. “Parece ser cada vez mais oportuno e necessário exercitarmos, em nós mesmos, certa desconfiança com relação aos posicionamentos repletos de certezas” (Guimarães, 2018, p. 133). A pedagogia das rupturas-vidas é uma pedagogia da escuta, do desvio, da vulnerabilidade como força, do entrelaçamento com os saberes outros.

Assim, a docência se faz com barro que se solta nas beiradas do Rio Purus, com palavras que se borram, com gestos pequenos, com silêncios cheios de mundo. Uma docência em movimento, em deriva, que se permite ser afetada. Como dizem Deleuze e Guattari (2011, p. 14), “as linhas se entrecruzam e, por vezes, cortam-se, mas sempre se recompõem em outro lugar”. É estar atenta ao que emerge, ao que vibra, ao que se transforma.

Ao acompanhar essas linhas, descobrimos que “não existe sujeito, mas enunciados coletivos, agenciamentos maquínicos de desejo, linhas de fuga e movimentos de desterritorialização” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 38). A subjetividade amazônida se constitui não por interioridade ou identidade fixa, mas pelo movimento, pela relação, pelo afeto. É por isso que formar-se professor(a) na Pedagogia do Campo, das águas e da Floresta em Beruri/AM significa aprender a habitar zonas de indeterminação, territórios em devir.

Pedagogia, então, torna-se um processo ético-estético, como afirma Deleuze: “o saber é da ordem da criação, e não da comunicação. Não se comunica um saber, mas se cria um saber” (1998, p. 146). A pedagogia em rupturas-vidas é, pois, uma invenção que nasce do encontro entre o corpo e o território, entre o silêncio da mata e o barulho dos banheiros, entre o afeto e o pensamento. Isto é, “... é no movimento em que se dá o pensar, o pensamento pensa-se a si próprio. Como se o mundo de fora se chocasse contra o martelo ético do pensamento” (Gomes, 2012, p. 40). E é desse choque que emerge uma pedagogia comprometida com a diferença, com a multiplicidade, com o que ainda não é, mas pode vir a ser.

Compor com os afetos que atravessam o corpo docente, com os saberes ancestrais, com as marcas do território. É nesse sentido que se pode dizer que essa pedagogia se faz em rupturas-vidas: ela rompe com os modos estabelecidos de ensinar e aprender, mas o faz para dar lugar a outras formas de vida, sendo mais abertas, mais inventivas, mais vivas. Pois, não é atravessar um percurso linear, mas compor com intensidades e em composições, atribuindo na formação do curso da Pedagogia do Campo, das Águas e da Floresta, uma linha que se dá em dobra – dobra do tempo, do espaço, do outro, do corpo, em multiplicidades.

Dessa forma, a formação docente nos territórios da Amazônia compõe-se com as potências do sensível. É uma formação que se aproxima das miudezas, dos silêncios, dos gestos manuais, das histórias contadas nas margens dos rios. São processos que escapam às representações totalizantes da Educação do Campo Amazônida, que muitas vezes, como já foi dito, a engessam em imagens da carência ou da vulnerabilidade. Contra isso, afirmamos: há vida que resiste, há subjetividades em criação. Pois, “não é suficiente dizer que o múltiplo é

composto de partes; é preciso que essas partes sejam heterogêneas: a multiplicidade deve ser feita de linhas, não de pontos” (Deleuze & Guattari, 2011, p. 9). A docência amazônida constituída por esta Pedagogia é essa multiplicidade viva, feita de linhas que não se deixam capturar.

A pedagogia em rupturas-vidas não é um modelo; é uma prática viva. E como o rio, ela segue dobrando, desviando, se abrindo em novas margens.

Considerações

Uma Pedagogia do Campo encharcada pelas/nas águas das Amazôniaas.

Um convite à ruptura com as estruturas tradicionais e fixas que generalizam educações e gentes dos supostos campos. Uma margem do meio, das águas, dos encontros e desvios.

Uma invenção onde a vida habita em pujança.

Docências na/com a Amazônia, pelas lentes da multiplicidade e singularidade. Docência enquanto ato de criação, como força de correnteza que abri e atíça possibilidades outras de professorar nas Amazôniaas.

Traçar rios menores e sentir os efeitos na vida e na docência nas Amazôniaas.

Uma geografia das águas traçadas pelas miudezas e multiplicidades de elementos outros, como um estagiar movido em fluidez de rios que cartografa imensidões de floresta e gentes. Habitar uma docência no município da curva, produz outros pensamentos acerca da formação na Licenciatura em Pedagogia do Campo e coloca em questionamento que ideias de campo e pedagogia se produzem nesse território, assim como indaga sobre os encontros que se produzem nesse campo do vivido no Estágio em Espaços Não Formais.

Ao traçamos um caminho de água pelo rio Purus para o encontro com essa Pedagogia, materializamos uma cartografia que se manifesta enquanto traçado da água que navega numa versão da Amazônia beruriense.

Nessas águas sinuosas, é “... importante ... fazer o sistema educativo balançar, movimentar, criar fissuras, pois é pelo meio, pelo entre, que a educação menor faz fluxos e ... que cria cortes na educação maior para promover o que difere ...” (Silva; Silva; Brito, 2018, p. 253). Experimentemos, então, diferentes modos de ser e estar no mundo inundados pelas águas amazônidas.

Desconfiemos em pensar numa educação que não se detém parada no mundo, mas, para isso, importa que “... não nos deixemos dominar pelas regras acadêmicas enrijecidas, pelos

métodos científicos limitantes, por prescrições que acabam por definir até mesmo como devemos produzir os textos acadêmicos” (Muniz; Bastos; Amado, 2020, p. 909).

A docência aqui narrada, enquanto acontecimento, é um rascunho, rotas de fugas, desvios, devir.

Singularidade em curva, desejo, criação.

Invenção de outros contornos possíveis para as docências na Amazônia, borrando as demarcações. Linhas da vida, linhas da curva, linhas da docência, linhas que tensionam as verdades e fixações, e, ao navegar, umedecem e inundam outras existências docentes.

Rios abertos.

Imagem 5 – Respingos do sensível



Fonte: Aikawa; Costa; Oliveira, 2025

Referências

- Brito, M. R. (2018). A menor poética da natureza: entre Deleuze e Bernardo da mata. *Linha Mestra*, (35), 33-39.
- Caldart, R. S. (2009). Educação do campo: notas para uma análise de percurso. *Trab. Educ. Saúde*, 7(1), p. 35-64.
- Campos, R. S. dos S., Paiva, N. de S. (2025). Pedagogia do Campo na Amazônia. *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, 18(1). 1-25.
- Costa, L. G. da. (2021). Educação do campo das águas e das florestas: uma reflexão sobre a formação de professores no contexto amazônico. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], 7(4), 34331–34342.

- Deleuze, G. (1998). *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (2002). *Espinoza: filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Fary, B. A., Rigue, F. M., & Oliveira, R. D. V. L. (2023). Rastros de uma educação química menor. *Revista ClimaCom, Ciência. Vida. Educação*, 10(24), 51-72.
- Freitas, M. C. S. (2010). Formação e cuidado de si: estudos Foucaultianos e pesquisas educacionais. In: Ferraz, D. V., Freitas, M. C. S. (Org.). *Subjetividades, saberes e formação* (pp. 165-180). São Paulo: Cortez.
- Gallo, S. D. O., & Monteiro, A. (2020). Educação menor como dispositivo potencializador de uma escola outra. *REMATEC: Revista de Matemática, Ensino e Cultura*, 15(33), 185-200. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2020.n33.p185-200.id228>.
- Gomes, N. L. (2012). Educação e liberdade: um olhar a partir de mim. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Políticas culturais e educação* (pp.33-44). Belo Horizonte: Autêntica.
- Guimarães, S. (2018). Educação e o afeto da dúvida: por uma prática pedagógica não impositiva. In Veiga-Neto, A., & Ferreira, N. (Orgs.). *Educação e pensamento contemporâneo* (pp. 125-139). Campinas: Papirus.
- Krenak, A. (2020). *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Molina, M. C., & Jesus, S. M. S. A. (2004). *Por uma Educação do Campo*. Brasília, DF: Articulação Nacional.
- Moura, M. E. F. P. de, & Costa, L. G. da (2024). O contexto e a produção curricular em uma experiência formativa deslocadora – Pedagogia do Campo, das águas e das florestas. *Revista do Centro de Educação, UFSM*, 49, 1 -23.
- Muniz, A. W. R., Bastos, K. O., & Amado, L. A. S. (2020). A escrita como artesanato: a experiência do escrever(-se). *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 6(3), 894-913. <https://doi.org/10.12957/riae.2020.54576>.
- Oliveira, C. B., Costa, M. O., & Aikawa, M. S. (2023). Retrato da autobiografia enquanto coisa. *Revista ClimaCom, Ciência. Vida. Educação*, 10(24), 133-152.
- Silva, F. V. (2017). No entre de uma formação docente menor. *Linha Mestra*, 11(33), 73-82. <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2017n33p73-82>.
- Silva, M. V. M., Silva, C. A. S., & Brito, M. R. (2018). Educação menor por entre as linhas do pensamento de Deleuze e Guattari: inspirações para o ensino de ciências. *Linha Mestra*, 12(35), 250-258. <https://doi.org/10.34112/1980-9026>.

Spinoza, B. (2009). *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 17/03/2025
Aprovado em: 09/10/2025
Publicado em: 17/12/2025

Received on March 17th, 2025
Accepted on October 09th, 2025
Published on December, 17th, 2025

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA
Aikawa, M. S., Costa, M. O., & Oliveira, C. B. (2025). Estagiar em Pedagogias e florestais com o rio Purus. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 10, e19745.